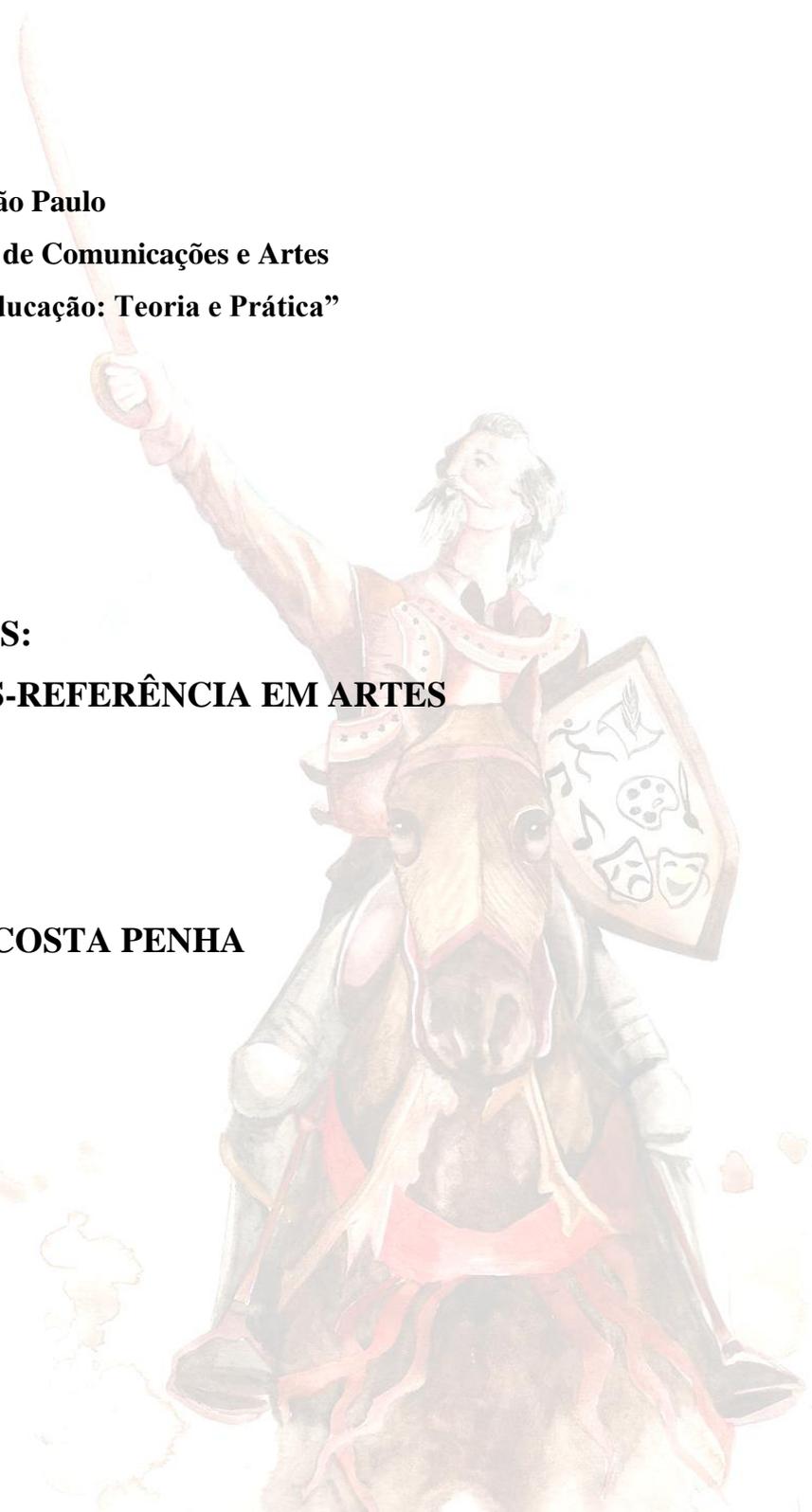


Universidade de São Paulo
Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes
Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”

QUIXOTES:
UM OLHAR SOBRE EDUCADORES-REFERÊNCIA EM ARTES

LEANDRO DE OLIVA COSTA PENHA

São Paulo
2017



LEANDRO DE OLIVA COSTA PENHA

QUIXOTES:

UM OLHAR SOBRE EDUCADORES-REFERÊNCIA EM ARTES

Monografia apresentada à Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
Especialista em Arte/Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaya Mattar

**São Paulo
2017**



Aos meus sobrinhos Guilherme e Pedro Henrique.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas da turma de 2015 do Curso de Especialização “Arte na Educação: teoria e prática”, pelos aprendizados e por me inspirarem e colaborarem para a pesquisa. Aos professores do curso, por cada olhar e ensinamento. Aos colegas Betto Pita, Bruna Queiroz, Fabrício Borges e Lara Fernandes Moreira pelas palavras que permearam nossos trajetos de pesquisa. À Paloma Portela pela ilustração da capa. À Profa. Dra. Sumaya Mattar por cada encontro durante o módulo “Laboratório de Experimentação e Criação Poético-Pedagógicas” e por orientar os caminhos da investigação. Aos meus pais, irmãos e sobrinhos por estarem sempre ao lado em toda e qualquer trajetória. À Rita Ortega e Cristina Ortega, por estarem ao meu lado desde os tempos do primário. Ao Márcio Torezin e à Flávia Torezin, meus parceiros fundamentais, pelo apoio constante. À Maria Angélica Durães M. de Almeida e Tatiane Oyakawa pelas contribuições singulares. À Marise Rayel pela jornada transformadora. A cada educando e educador com quem convivi nestes dezenove anos de caminhada. À equipe do Projeto Social PALCO, em especial, à Patrícia Ribeiro, Diana Annunziata, Cinthia Nelson e Sandra Amaral. Às crianças, jovens e famílias participantes do projeto, pela compreensão e por acenderem em mim a chama do pesquisador. Aos professores inesquecíveis: Fátima, Marieta Monteiro, Yara, Jânio P. de Souza, Claudemir Belintane, Nivaldo Canova. Aos mestres Antonio Nóbrega, Rosane Almeida, Kika Sampaio, Jaime Arôxa e Ivaldo Bertazzo que me fortaleceram em termos técnicos e metodológicos para que eu pudesse dar os meus primeiros passos como educador. À Ligia Cortez, por ter acreditado e me acolhido como arte/educador, em 1998. Ao André Martinez, que me apresentou a inteligência sociocriativa, que auxiliou a estruturar as palavras que seguem. Por fim, toda gratidão à Caroline Fanizzi, Fabrício Borges, Mariana Bratti, Patricia Alegre, Rosangela Caproni que construíram pontes entre mim e Iraci Nogueira, Carlos Caçapava, Rafael Rip, Lu Favoreto e Daniela Nascimento – os tesouros da investigação que deram origem a esta monografia – aos quais sou imensamente grato.



O Dom Quixote é a minha obra de cabeceira, porque eu sou um pouco essa pessoa que transita entre a loucura e a lucidez. E eu tenho uma espada invisível para sair por aí fazendo justiça... Eu me sinto Dom Quixote na educação, porque em cada escola que eu chego, eu tenho que demorar um tempinho para provar que aquela coisa meio diferente que eu me proponho a fazer, faz algum sentido. O primeiro olhar é de desconfiança, mas depois eu sinto que tanto as instituições como esses jovens têm uma carência de alguém que se disponha, que tenha coragem de fazer diferente. A pessoa que quer fazer diferente vai procurar esses caminhos porque é o coração dela que está implorando que ela faça isso.

Iraci Nogueira



Paloma Portela – Quixote – Aquarela sobre papel, 21x30cm

Produzido especialmente, para ilustrar esta monografia, pela colega de turma do Curso de Especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”, uma das “educadoras-referência” que tive a honra de conhecer.

RESUMO

Diante de um panorama de desvalorização profissional crescente, atrelado a um cenário de instabilidade político-econômica no Brasil, que privilegia um caráter tecnicista da Educação, ser professor não é algo que tem soado bem aos ouvidos da população em geral. Em se tratando de Arte/Educação, a situação é ainda mais precária, pois o campo das linguagens artísticas é repleto de especificidades e a formação, muitas vezes, frágil, por ser pouco abrangente ou de difícil acesso. Assim, este estudo tem como principal objetivo investigar quais características, atreladas às narrativas de vida, estão presentes em educadores que proporcionam processos pedagógicos que possibilitam a transformação do educando e deles próprios, desenvolvendo ou ampliando a sensibilidade, a capacidade crítica e o potencial criativo, a ponto de ficarem na memória de seus alunos e/ou pares de ofício. Relatos de cinco “educadores-referência”, de diferentes regiões da cidade de São Paulo, com atuações em escolas públicas, privadas, organizações da sociedade civil e cursos livres, fundamentam a reflexão.

Palavras-chave: arte, arte/educação, histórias de vida,
formação de professores, experiência, identidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A CHAMA QUE ILUMINOU A CAMINHADA	8
1. TERRITÓRIOS PERCORRIDOS EM BUSCA DE QUIXOTES	13
2. ÁGUAS QUE REVELAM E REFLETEM QUIXOTES	24
2.1 Passado - A escolha da profissão.....	27
2.2 Presente - O exercício do ofício.....	30
2.3 Futuro - O modo de olhar a arte/educação.....	33
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: MOINHOS DE VENTO.....	36
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICES.....	43
ANEXO.....	54



INTRODUÇÃO: A CHAMA QUE ILUMINOU A CAMINHADA

*Em meio a momentos de escuridão e dúvidas,
a brasa que pulsava incandescente,
tornou-se chama e clareou cada passo desta jornada.¹*

Ao abrir minha “gaveta de guardados”, como Iberê Camargo² nomeou a memória, o que salta aos meus olhos são as lembranças como aluno e professor. Deparo-me com profissionais que me marcaram, positivamente, nos mais diversos ambientes educativos. Reconheço uma ética e uma estética definidas em minha forma de ser e agir, baseadas em valores e princípios que foram semeados e regados desde os tempos de infância e alimentam a chama que me mantém em movimento. Como disse Rubens Corrêa³: “O fogo através do tempo sempre foi o símbolo vivo da fé, do entusiasmo e da rebeldia; mantê-lo aceso dentro de nós é também um trabalho para a vida inteira”.

Como educador e gestor, inúmeros foram os companheiros em instituições públicas e privadas, muitas foram as equipes que coordenei; um universo de diversidade, empatia, escuta, intuição e percepção, que dá sustentação a esta monografia. Ao longo destes anos, tenho me deparado com a discrepância em termos de atuação profissional e formações continuadas focadas em conteúdos generalistas. Em outros casos, observo a dificuldade ou resistência de profissionais ousarem ou reconhecerem-se como autores de seus processos pedagógicos.

¹ O percurso deste estudo está dividido em quatro diferentes capítulos, cujas epígrafes anunciam, de forma poética, a característica de cada etapa vivenciada por mim.

² Conheci este texto em uma das aulas do módulo “Laboratório de Experimentação e Criação Poético-Pedagógicas”, ministrado pela Profa. Dra. Sumaya Mattar, em maio de 2016, durante o curso de especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”, realizado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Na ocasião, foi proposto à turma que fizesse um relato autobiográfico de sua relação com arte/educação – momento em que entrei em contato com o campo das histórias de vida na formação de professores.

³ Trecho da palestra proferida por Rubens Corrêa em 12 de março de 1984, na Casa das Artes de Laranjeiras, por ocasião do início do ano letivo.



Se ampliarmos esta discussão para um contexto social brasileiro, nos deparamos com um cenário que envolve profissionais com as mais diversas formações, cursos de pedagogia com poucas horas voltadas para o ensino de Arte, cursos de licenciatura em Artes onde espaços de educação não formal são pouco considerados, artistas que ministram aulas sem nenhum ou com pouco conhecimento pedagógico, mestres de tradições populares impedidos de compartilharem conhecimento por não possuírem títulos, enfim, aulas das mais diversas qualidades, experiências pouco significativas, outras extremamente transformadoras.

Da visão microscópica ao me debruçar sobre as experiências do passado à visão macro em termos de país, nasceu uma indagação que determinou o caminho que trilhei na realização da pesquisa: diante de estruturas públicas e privadas engessadas, de um panorama caótico de mudanças político-econômicas no país, como alguns professores promovem experiências significativas em arte, de forma a marcar/influenciar/transformar a vida do aluno? Como possibilitam processos pedagógicos por meio dos quais se tem inspirações mais profundas, se envia mais ar aos pulmões, mais cores à imaginação, mais poesia à vida? O que é determinante?

Acredito que trabalhar com ensino de arte é dispor uma situação de aprendizagem para que a partir das relações entre os sujeitos envolvidos, educadores e educandos criem, ampliem sua sensibilidade, capacidade de análise, de expressão e construção de mundos, interno e externo.

Cotidianamente vejo professores decidirem pelo caminho da aposentadoria em virtude de possíveis mudanças nas leis do país e de todas as condições de trabalho que envolvem a profissão. Por outro lado, há muitos profissionais resilientes que criam, recriam e contribuem para o desenvolvimento de milhares de crianças, jovens e adultos.



O inferno dos vivos não é algo que será; existe um, é aquele que já está aqui, o inferno no qual habitamos todos os dias, o que formamos estando juntos. Há duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até o ponto de não mais percebê-lo. A segunda é perigosa e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo e abrir-lhe espaço (CALVINO, 1993, p.175).

Com intuito de abrir e ampliar este espaço a que se refere Calvino e me aproximar ainda mais de experiências significativas⁴ em arte, procurei o curso de especialização “Arte na Educação: Teoria e Prática”, em 2015. Concluo-o com uma pesquisa qualitativa que tem seu princípio na memória de meus colegas de turma. Por meio deles, encontrei “educadores-referência”⁵ em Artes. Características comuns entre eles, como sabedoria, coragem, ousadia, criatividade e capacidade de enveredar por uma aventura insólita, remeteram-me ao personagem Dom Quixote de La Mancha, obra-prima de Miguel de Cervantes. Deste modo, por tais elementos, tomo a licença poética de denominá-los “Quixotes”. Importante ressaltar que não utilizo tal expressão para comparar um professor a um personagem burlesco, louco, uma triste figura, um herói que a tudo combate e supera. Assim como foi necessário efetuar um recorte para análise diante da riqueza e volume de dados coletados, houve um recorte na escolha das características do personagem que dá título a esta monografia.

⁴ Neste ponto e, ao longo, do estudo, ao tratar deste conceito, baseio-me na concepção de experiência singular formulada por Dewey (2010, p.109-110), segundo o qual “temos uma experiência *singular* quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução. [...] Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação [...] conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência”.

⁵ Denomino educadores-referência aqueles educadores que, em meio a muitas adversidades, inspiram e são inspirados, promovem experiências singulares para e com os educandos, atuam com ousadia, criatividade, determinação, paixão e comprometimento a ponto de influenciarem a vida das pessoas e a forma como atuam no mundo.



O “Quixote” retratado nestas páginas é o educador que, além de possuir as características citadas, tem possibilidade de vivenciar experiências significativas em arte ao longo da vida, constituiu-se como cidadão, com claras posturas políticas, tem a “imaginação cheia”⁶, permite-se embarcar na utopia, vê além do que está diante de seus olhos, como o personagem de Cervantes ao avistar 30 ou 40 moinhos de vento e tratá-los como “gigantes monstruosos”:

Disse Sancho Pança: Aqueles que estão ali não são gigantes, mas moinhos de vento, e o que neles parecem braços são as pás, que, rodadas pelo vento, fazem trabalhar as mós. - Bem se vê – respondeu dom Quixote – que não és versado em aventuras: eles são gigantes. E, se tens medo, some-te daqui e fica rezando enquanto isso, porque vou travar com eles uma batalha feroz e desigual. (CERVANTES, 2005, p.109)

Parafraseando a jornada do personagem, em que o aprendizado ocorre a cada episódio, com a reflexão a partir do que é vivido, pressuponho que a prática docente em artes em diálogo com histórias de vida promove processos ímpares e é o que faz educadores habitarem, largamente, nossas memórias. A hipótese do poder transformador da metodologia de trabalho a partir de narrativas de vida está “indissociavelmente ligada ao conceito de experiência formadora, segundo o qual qualquer prática deixa traços, que toda a tomada de consciência cria novas potencialidades”, destaca Josso (2002, p.110).

Um educador pode marcar e inspirar a vida de um aluno, a tal ponto deste aluno se tornar um educador e, neste papel, polinizar valores e princípios apreendidos no passado e, assim, ambos potencializarem um ensino de arte, de fato, transformador. Para compreender o professor e suas peculiaridades, considero essencial conhecer sua narrativa

⁶ Ao descrever Dom Quixote no primeiro capítulo do livro – “Que trata da condição do famoso e valente fidalgo Dom Quixote de La Mancha e de como a exercita”, CERVANTES (2015, p.63) escreve: “[...] Sua imaginação se encheu de tudo aquilo que lia nos livros, tanto de encantamentos, como de duelos, batalhas, desafios, feridas, galanteios, amores, tempestades e disparates impossíveis”.



de vida – enfatizando o processo de escolha da profissão, um olhar aprofundado no que refere ao exercício do ofício e uma reflexão sobre a maneira de ver a arte/educação no país.

Os principais interlocutores desta investigação são Marie-Christine Josso (2002), Antonio Nóvoa (2013) e Jorge Larrosa (2016), aos quais se somam outras referências dos campos da Educação, Arte e Filosofia, como Fayga Ostrower (2014), Herbert Read (2001), John Dewey (2010), Merleau-Ponty (1974), dentre outros. Encontro nas ponderações de Josso e de Nóvoa as bases do estudo que comecei a realizar e ao qual pretendo dar continuidade. Segundo Josso (2002, p. 98), quando nos debruçamos sobre o que consideramos formador e significativo em nossas vidas, conseguimos localizar a forma como pensamos e agimos atualmente, e esta auto-observação contribui para uma auto-formação.

A partir de entrevistas semiestruturadas, encontrei preciosidades que sugerem características e valores que alicerçam o exercício da profissão com qualidade, respeito, comprometimento e responsabilidade.

Este estudo não tem nenhum caráter taumatúrgico ou objetivo de traçar perfis, de fazer comparações ou estabelecer padrões. Trata-se de uma aproximação que faço entre os campos de formação de professores e das histórias de vida - campo que pressupõe possibilidades metodológicas, em que as narrativas de vida podem representar tanto um método para coleta de dados quanto potência para formação de adultos. Para formação de professores de Artes, esta abordagem biográfica é importante, pois, como diz Moraes (2009, p. 3909), dá “voz e expressão à subjetividade do professor” e a forma como cada professor ensina corresponde a seus valores e princípios. Nesta direção, completa Nóvoa (2013, p. 9), não há razões para desvincularmos a identidade profissional da identidade pessoal, sobretudo como professores, ofício impregnado de ideais e que pressupõe investimento na relação humana.



1. TERRITÓRIOS PERCORRIDOS EM BUSCA DE QUIXOTES

*Quilômetros e mais quilômetros,
dias de sol, dias de chuva; ricas paisagens;
muitos foram os que cruzei e apontaram o caminho.*

Em busca de encontrar educadores-referência, dirigi o olhar aos meus pares do curso de especialização. Compartilhamos, por quase dois anos, momentos únicos; sem dúvida, havia ali uma fortuna de experiências.

A turma⁷ iniciou o curso em maio de 2015, vivenciou 16 módulos, praticamente, 293 horas envolvendo teatro, dança, música e artes visuais. Por esta diversidade de experiências, profissionais envolvidos e perfil dinâmico do grupo, houve muita troca e produção, os trabalhos apresentavam qualidade singular - predicado validado pelos professores. Pessoas com capacidade de escuta diferenciada, integrados, comprometidos com seus ofícios, ávidos por ampliarem experiências em artes, semana a semana, revelavam seus projetos como arte/educadores.

Na iminência do término dos módulos e a proximidade do início da pesquisa, novas questões surgiram: por que outras aulas e com que outros profissionais cada um deles havia tido contato ao longo da vida? Presenciei tanta potência criativa em cada encontro: teriam surgido apenas durante o curso?

⁷ Apresentada nas fotos 1 e 2.





Foto 1: Aula da Profa. Dra. Sumaya Mattar, realizada em junho de 2016, na ECA/USP.

Minha intuição dizia que não, contudo para manter um distanciamento dos sujeitos da pesquisa os convidei para indicarem os professores que influenciaram seus processos educativos. Deste modo, foi aceso o estopim da investigação que fundamenta a reflexão apresentada nestas páginas.





Foto 2: Aula da Profa. Dra. Regina Machado, realizada em abril de 2016, no Paço do Baobá.

O convite foi enviado a eles, como um formulário⁸, via plataforma digital, em outubro de 2016. Dos 53 participantes da turma, 24 retornos⁹ foram recebidos, ou seja, 45,28%. Em relação aos 24 educadores indicados, temos os seguintes resultados quantitativos:

⁸ Ver Apêndice 1.

⁹ Ver Apêndice 2.



Categoria	Resultados em números absolutos e porcentagens
Gênero	15 (62,5%) do gênero feminino e 09 (37,5%) gênero masculino.
Formato	01 (4,2%) atua ou atuou no Ensino Fundamental; 08 (33,3%) atuam ou atuaram no Ensino Médio; 06 (25%) atuam ou atuaram em Ensino Superior; 03 (12,5%) atuam ou atuaram em Ensino Técnico; 02 (8,3%) atuam ou atuaram em Cursos Livres; 03 (12,5%) atuam ou atuaram em Organizações da Sociedade Civil; 01 (4,2%) atua ou atuou em Curso Pré-vestibular.
Ambiente	10 (41,7%) atuam ou atuaram em instituição pública; 11 (45,8%) atuam ou atuaram em instituição privada; 03 (12,5%) atuam ou atuaram em Organizações da Sociedade Civil.
Disciplinas	13 (54,1%) ministram aulas de Artes; 02 (8,3%) ministram aulas de História; 02 (8,3%) ministram aulas de Saúde e Meio Ambiente; 02 (8,3%) ministram aulas no curso de Pedagogia; 01 (4,2%) ministra aulas de Geografia; 01 (4,2%) ministra aulas de Português; 01 (4,2%) ministra aulas de Química; 01 (4,2%) é educador social; 01 (4,2%) é formador de formadores.

Tabela 1: Perfil dos 24 educadores indicados



Por se tratar de uma investigação sobre arte/educação, ao analisar apenas os 13 arte/educadores indicados, temos:

Categoria	Resultados em números absolutos e porcentagens
Gênero	08 (61,5%) do gênero feminino e 05 (38,5%) do gênero masculino.
Formato	01 (7,7%) atua ou atuou em Ensino Fundamental; 03 (23%) atuam ou atuaram no Ensino Médio; 04 (30,7%) atuam ou atuaram em Ensino Superior; 02 (15,5%) atuam ou atuaram em Ensino Técnico; 01 (7,7%) atua ou atuou em Cursos Livres; 01 (7,7%) atua ou atuou em Organizações da Sociedade Civil; 01 (7,7%) atua ou atuou em Cursos Pré-vestibulares.
Ambiente	04 (30,7%) atuam ou atuaram em instituição pública (escolas ou universidades); 08 (61,6%) atuam ou atuaram em instituição privada; 01 (7,7%) atua ou atuou em Organizações da Sociedade Civil.
Linguagens	04 (30,7%) de Música; 04 (30,7%) de Teatro; 02 (15,5%) de Literatura; 01 (7,7%) de Artes Visuais; 01 (7,7%) de Arte de Contar Histórias; 01 (7,7%) de Dança.

Tabela 2: Perfil dos 13 arte/educadores indicados

Com base nestes dados, se considerarmos apenas as informações em destaque, observamos que em relação ao gênero e à fase escolar, os professores que foram indicados e que estão na memória de outros colegas de ofício,



independente de ministrarem aulas de artes são, em sua maioria, do gênero feminino e ministram aulas para alunos do Ensino Médio ou Superior. Um alerta me vem à mente, seguido de uma hipótese: a ausência de professores do Ensino Infantil. Talvez o fato de a pergunta norteadora estar vinculada a profissão de professor e ter sido feita para profissionais da área, tenha direcionado, de certa forma, as respostas às experiências vividas nas fases da juventude e *adulthood* – épocas em que as decisões em relação à carreira profissional são tomadas, de forma geral, e recebem mais influências. Outro ponto que ressaltar diz respeito ao ambiente; o ensino de arte que fica na lembrança, pela amostra analisada, está voltado para classes específicas da população, uma vez que se encontra com maior incidência nas instituições privadas. Mesmo com todas as políticas culturais desenvolvidas no país nas últimas décadas e com o avanço de iniciativas do Terceiro Setor¹⁰, o acesso às artes continua sendo restrito em dimensões continentais.

Em termos de pesquisa, ao nos depararmos com o número de teses e dissertações relacionadas ao tema no banco da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior¹¹ - temos uma curva ascendente nos últimos anos. Mesmo que transpareça como uma brasa diante de outras áreas profissionais há uma classe representativa¹² que mantém a chama acesa.

Baseando-me neste olhar, em termos qualitativos, apareceram na interpretação dos dados, elementos importantes que podem caracterizar um educador-referência. Se recortarmos os verbos de ação, já que a pesquisa se debruça sobre a “forma ímpar de agir dos profissionais”, teremos um repertório de diferentes e complementares ações, que podem nos remeter ao sentido de experiência.

¹⁰ Terceiro Setor: terminologia sociológica para designar o conjunto de organizações da sociedade civil com fins públicos e não-lucrativos. O Estado é considerado o Primeiro Setor e a iniciativa privada, o Segundo Setor.

¹¹ Disponível em: < <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>> Acesso em: 04/03/2017

¹² Temáticas e quantidade de registros encontrada: arte-educador (26.246 registros), professor de arte (95.560 registros), ensino de arte e formação de arte-educadores (95.564 registros), arte-educador referência (65.387 registros).



Para Larossa (2016, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, é “algo que luta pela expressão” e quando alguém é capaz de dar forma a esta vibração, que passa por nós, converte-a em “canto que pode atravessar o tempo e o espaço” (p. 10), de forma a ressoar em outras experiências. Os dados dos questionários revelam tais ressonâncias. Determinada aula, ou uma atividade vivenciada com o professor, que como acontecimento fora comum a vários alunos, como experiência terá sido única, pois a experiência é singular, demanda reflexão, “requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LAROSSA, 2016, p.25).

A partir da ordenação das informações coletadas¹³ nesta primeira parte da pesquisa, pude distinguir inúmeros elementos¹⁴ que podem caracterizar um educador-referência. Como tema desta monografia é o ensino de arte, me ative aos arte/educadores indicados e estabeleci critérios para definição da amostra a ser entrevistada: (a) residir no Brasil; (b) atuar em Ensino Infantil, Fundamental, Médio ou Técnico; (c) a viabilidade da efetivação da entrevista; (d) eu, como pesquisador, não conhecer o (a) professor (a). Cinco profissionais atenderam a todos os critérios e autorizaram o uso e a publicação dos dados¹⁵. Apresento-os no mapa a seguir para ilustrar o trajeto realizado por mim ao longo de cinco semanas e, na sequência, em ordem alfabética, com breve descrição¹⁶.

¹³ Ver Apêndice 2.

¹⁴ Notei que o educador-referência (1) proporciona e cria projetos de interação real dos alunos com o meio ambiente; (2) aguça a curiosidade, o interesse e a vontade de explorar a cidade; (3) alia diversas áreas do conhecimento; (4) incentiva os alunos a buscarem seus sonhos; (5) inspira uma educação mais criativa, poética e com coautoria dos educandos; (6) cria enredos que promovem o despertar da alma; (7) nutre o espírito de poesia; (8) apresenta outros mundos; (9) ensina a ter senso crítico; (10) entende o contexto em que atua; (11) desperta a sensibilidade; (12) lida com delicadeza com sua turma; (13) demonstra interesse pelas histórias de vida de cada aluno e (14) fomenta outras descobertas e (15) faz com que o aluno entenda um pouco mais de si, das relações com os outros e do mundo.

¹⁵ As autorizações encontram-se em posse do autor desta monografia e estão à disposição para esclarecimentos, se necessário for. Não estão incluídas nestas páginas por conterem informações pessoais, como número de documentos e endereços.

¹⁶ As justificativas para indicação de cada educador (a) constam no Apêndice 2.





Figura 1: Territórios percorridos





- **Carlos Caçapava**, professor de música na Fundação CASA¹⁷, por meio de uma Organização Social da Sociedade Civil, e em uma escola particular, atua há 42 anos com arte/educação. Indicado por Fabrício Borges.

Foto 3: Carlos Caçapava e a filha Helena, na data da entrevista, na barraca onde vende os instrumentos musicais que produz, em Embu das Artes. Crédito: Leandro Oliva C. Penha.



- **Daniela Souza de Nascimento**, professora de Artes de Ensino Fundamental I da rede municipal de ensino, atua há sete anos com arte/educação. Foi indicada por Rosangela Caproni.

Foto 4: Daniela no ateliê/sala de aula, no CEU Cidade Dutra, na data da entrevista. Crédito: Leandro Oliva C. Penha.

¹⁷ Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Criada pelo Governo do Estado de São Paulo e vinculada à Secretaria de Estado da Justiça e da Defesa da Cidadania. Sua função é executar as medidas socioeducativas aplicadas pelo Poder Judiciário aos adolescentes autores de atos infracionais cometidos com idade de 12 a 18 anos incompletos.



- **Iraci Nogueira**, professora de Literatura de Ensino Médio de escola privada, atua há 30 anos com arte/educação. Foi indicada por Caroline Fanizzi.

Foto 5: Iraci Nogueira e Caroline Fanizzi, na residência da professora, na data da entrevista.
Crédito: Leandro Oliva C. Penha.



- **Lu Favoreto**¹⁸, professora de dança clássica e contemporânea, ministra cursos livres em um estúdio próprio, atua há 36 anos com arte/educação. Foi indicada por Patrícia Alegre.

Foto 6: Lu Favoreto, Arquivo Pessoal. Crédito: Vitor Vieira



¹⁸ Lu Favoreto é o nome artístico de Lucilene Favaretto.



- **Rafael Rip**, professor de Artes de Ensino Fundamental e Médio da rede estadual de ensino, atua há 14 anos com arte/educação. Indicado por Mariana Bratti.

Foto 7: Rafael Rip e seus alunos em ensaio do Grupo Embatucadores, na Escola Estadual Professor Flaminio Favero. Arquivo Pessoal.



Ao justificarem os motivos da indicação, os primeiros 24 sujeitos da pesquisa reconheceram em seus fazeres, valores e princípios vinculados ao que viveram com os professores que indicaram, o que, em alguns casos, pode ter fortalecido suas escolhas ou clareado os reais desejos ao exercerem o ofício, pois como afirma Moraes (2009, p. 3904), “o processo de rememoração, ordenação e narrativa é por si só transformador e gerador de conhecimento”.



2. ÁGUAS QUE REVELAM E REFLETEM QUIXOTES

*Ao debruçar-me na margem do lago,
os rostos iluminados, a grande fortuna:
estava eu diante de Quixotes.
Histórias reveladas e transformações refletidas.*

Em “A Dúvida de Cezanne”, Merleau-Ponty (1974, p. 312) escreve: “É certo que a vida não explica a obra, porém certo é também que se comunicam”. Como aluno do curso de especialização, ao recordar a reflexão¹⁹ a que cheguei ao final dos módulos relacionados ao corpo do professor, ministrados pelos Profs. Drs. Inês Bogéa e Marcos Neira – somada aos exercícios vivenciados nos módulos voltados à ampliação do imaginário e à potência criativa do educador, ministrados pelas Prof^{as} Dras. Andréa Cavinato, Regina Machado e Sumaya Mattar, em 2016, relembro que ali tanto nasceu a motivação para a pesquisa quanto foram tonificadas as razões pelas quais optei por atuar com arte/educação. Quando, com intenções claras, visitamos nosso passado e refletimos sobre o presente, podemos escolher e decidir, com propriedade, os caminhos futuros com base em nossos desejos e sentidos.

A segunda parte da metodologia da pesquisa de cunho fenomenológico e hermenêutico, à qual dedico esta sessão, está voltada para componentes qualitativos, apontados nas entrevistas com os sujeitos principais da pesquisa - Carlos Caçapava, Daniela Nascimento, Iraci Nogueira, Lu Favoreto e Rafael Rip.²⁰ Ao convidar cada profissional,

¹⁹ A síntese da reflexão a que cheguei era: Como gestor de projetos sociais, precisava repensar e reavaliar a formação de educadores, de tal forma que fosse enriquecida com a genuinidade de cada indivíduo.

²⁰ Os profissionais foram contatados por email, redes sociais ou por telefone, inicialmente. Ocorreu um encontro, com duração de 20 a 60 minutos com cada profissional, agendado conforme sua disponibilidade, gravado e transcrito na íntegra. As transcrições estão em posse do autor desta monografia e encontram-se à disposição para esclarecimentos, se necessário for. Cada entrevista foi realizada como uma conversa informal, com base em um roteiro semiestruturado. O encontro com Rafael Rip ocorreu na Escola Estadual Prof. Flaminio Favero, em 01/02/2017; com Daniela Nascimento, no CEU Cidade Dutra, em 09/02/2017; com Lu Favoretto, no Estúdio Oito Nova Dança, em 14/02/2017;



observei que a indicação de um ex-aluno ou colega de trabalho fez com que estes sujeitos iniciassem ou, em alguns casos, reforçassem um processo de reconhecimento de si como educadores-referência.

Passada a fase inicial de surpresa, alegria ou mesmo dúvida em participar da pesquisa, no decorrer de cada conversa, via o profissional estabelecer rápidas conexões entre presente, passado e futuro, tornando conscientes valores, alegrias e inquietações. Para Josso (2002, p. 45), ao articularmos o presente com o passado e com o futuro, começamos a compor “um projeto de si por um sujeito que orienta a continuação da sua história com uma consciência reforçada dos seus recursos e fragilidades, das suas valorizações e representações, das suas expectativas, dos seus desejos e projetos”. Observei tal composição em mim, nos colegas de curso bem como nos entrevistados.

O encontro presencial com cada educador-referência fez “emergir o subjetivo, o qualitativo, o afetivo”, como descreve Fontoura (2013, p. 179). Posteriormente, ocorreu análise transversal dos conteúdos dos diálogos através de sucessivas justaposições até a obtenção de um quadro único com uma categorização por temas em função da natureza e do peso das referências. Após chegar a 22 categorias, realizei um recorte que consistiu em destacar os temas mais citados nas entrevistas: (1) a escolha da profissão com base em experiências familiares, escolares ou acadêmicas; (2) a paixão pelo ofício; (3) a busca constante por aprendizados; (4) a habilidade para estabelecer conexões; (5) certa ousadia; (6) o comprometimento e (7) a responsabilidade ao exercer a profissão.

Como a questão²¹ que norteou as entrevistas apresentava três partes distintas, mas complementares, por tratarem de passado, presente e futuro, ou visto de outra forma, da relação do indivíduo consigo, com o outro e com o mundo,

com Iraci Nogueira, em sua residência, no Alto da Lapa, em 17/02/2017; com Carlos Caçapava, na Feira de Artesanatos do Embu das Artes, em 26/02/2017.

²¹ Questão norteadora: Partindo da premissa - um professor é também formado por suas experiências e memórias como aluno - de que modo as experiências como aluno e como professor influenciaram a escolha de sua profissão ("Eu comigo/Passado"), o exercício do ofício no cotidiano ("Eu com o outro"/Presente) e a maneira de ver e pensar a educação ("Eu no mundo"/Futuro)?



para auxiliar análise dos dados, mantive a mesma categorização, sem nunca esquecer que todo processo humano é vivo, portanto complexo e dinâmico: “a expressão do que existe é uma tarefa infinita”, escreveu Merleau-Ponty (1974, p. 308).

Ressalto a importância de lermos tais interpretações com “olhos de ver”, com intuito de que o potencial de cada ser humano seja uma peça fundamental de um quebra-cabeça que está sendo montado coletivamente a cada dia em prol de uma sociedade mais justa com cidadãos mais críticos, atentos e reflexivos. As categorias para interpretação das informações são:

- **Passado: Escolha da profissão/Eu comigo:** influências familiares, escolares ou acadêmicas;
- **Presente: Exercício do Ofício/ Eu com o outro:** a paixão pelo ofício, a busca constante por aprendizados, a habilidade para estabelecer conexões e a ousadia na ação;
- **Futuro: Modo de olhar a Arte/Educação/ Eu no mundo:** o comprometimento, a clareza sobre o papel, espaço e responsabilidade do arte/educador.



2.1 Passado – A escolha da profissão

Ficou evidente o quanto a escolha pelo ofício de arte/educador pode ser influenciada por experiências familiares, escolares ou acadêmicas. Segundo Huberman (2013), como se vê pelos registros biográficos, nem sempre é uma escolha fácil. “Como a abordagem psicanalítica bem sublinha, a escolha de uma identidade profissional implica a renúncia, pelo menos por um determinado período, a outras identidades” (HUBERMAN, 2013, p. 40). Rafael Rip revelou seu gosto por desenho técnico na adolescência, sua alegria ao ser aprovado para integrar uma banda de renome e, diz que, apenas na faculdade de música começou a apreender, gostar e ter vontade de ensinar tal linguagem.

Outro elemento relevante em relação ao passado vincula-se à tradição. Para Josso (2002, p. 201), “como todo e qualquer ser humano, os artistas vivem de suas heranças e alimentam com elas sua imaginação”. A mãe de Carlos Caçapava, segundo ele, foi sua grande professora: *ela gostava muitíssimo de música, de dança e teve constante contato com ritmos da cultura tradicional*. Lu Favoreto também reconhece o contexto familiar como berço de seus primeiros impulsos em relação à Arte: *eu me vejo lá desde bem pequena dançando forró com meu pai. Muito estímulo para dança e para música*. As lembranças das brincadeiras de infância, que eram repletas de elementos que ampliavam a capacidade de imaginação, e todo o contexto social em que vivia a família, abrilhantam a relação que Daniela Nascimento manteve com o campo das artes em seu passado. Durante a conversa com ela, encontrei lembranças similares: os discos infantis acompanhados das histórias, a música sertaneja presente em casa e uma ou outra referência da música popular brasileira.

Os depoimentos revelam um passado que dialoga com o momento presente, que auxilia a tomada de decisões e a escolha de caminhos. A musicalidade herdada dos pais continua presente no cotidiano de Lu Favoreto, as brincadeiras infantis ajudaram a direcionar as opções estéticas e pedagógicas de Daniela e é pelo respeito, sentido e valor das tradições culturais, que Caçapava ministra cada uma de suas aulas. Propósitos diretamente relacionados à



memória que, como esclarece Ostrower (2016, p. 18), “nem sempre serão conscientes nem, necessariamente, precisam equacionar-se com objetivos imediatos. Fazem-se conhecer, no curso das ações, como uma espécie de guia aceitando ou rejeitando certas opções e sugestões contidas no ambiente”.

Iluminando também episódios não citados por todos entrevistados, para evitar um terreno de generalizações e ilustrar a potência da subjetividade, observa-se a ausência de conteúdos significativos e profissionais desmotivados durante a fase escolar, como relembram, respectivamente, Iraci Nogueira e Daniela Nascimento:

Eu pensava: Por que eu vejo os meus professores cansados e tristes? Então, eu criei dentro de mim o desejo de ser um professor feliz, de contagiar os meus alunos com a alegria da descoberta que a palavra possibilita.

Talvez eu tenha me tornado professora por ver maus exemplos de professores na escola. Principalmente de arte. [...] acho que o caminho começou ao ver que arte poderia ser diferente.

A partir destas palavras, vê-se que, muitas vezes, o que é considerado negativo e associado ao não formativo convoca posturas que podem ser, significativamente, construtivas. Segundo Moita (2013, p. 126), “a integração de aspectos negativos com aspectos positivos da vida escolar, de forma dialética, pode tornar-se uma oportunidade formativa”.

Nesta categoria incluo também a marca deixada por outros mestres. Da mesma maneira que estes cinco educadores foram indicados por terem inspirado outros pares de profissão, eles reconhecem o que os inspirou a partir de seus mestres. Acredito que experiências significativas podem ser inspiradoras e disparadoras de novas experiências significativas para outrem. Carlos Caçapava destaca o professor Limão, *um dos primeiros capoeiristas que chegou a São Paulo com uma pedagogia que vinha da tradição*. Limão ensinava não só a técnica, mas a história da *capoeiragem*. Para Lu Favoreto, ícones como Klauss Vianna, Sônia Mota, Zélia Monteiro, Madame Beziérs, tiveram grande peso em sua formação, e ao investigar tempos remotos, reconhece Bill Groves:



Foi a primeira pessoa com quem eu trabalhei improvisação. [...] Ele veio dar um trabalho mais vivo, uma dança mais estranha, mas ele chamava de dança chinesa e improvisação ele dava relacionada à música. Eu lembro que foi a primeira vez que eu dancei uma improvisação e eu saquei que tinha alguma coisa ali e era relacionada à música - que era a minha facilidade... Talvez ali, o bichinho da criação tenha me mordido.

Neste caminho, um professor de filosofia com uma aula simples, segundo Rafael Rip, repleta de objetividade, efusivas reflexões, uma *veemência* na fala, foi o que o ensinou *a pensar de verdade*. A consciência adquirida naquelas aulas faz com que ele promova o mesmo em suas aulas ou ensaios: ter clareza do que pretende em cada encontro, sucintos objetivos, dar tempo e proporcionar espaço para a criação, diálogo e troca com o aluno.

Nota-se que a escolha pela profissão pode estar relacionada também à chama que foi acesa quando do contato com arte ou da busca incessante por tal experiência. Conforme aponta Holly (2013, p. 82), “Há muitos fatores que influenciam o modo de pensar, de sentir e atuar dos professores: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos biológicos e experienciais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam”.



2.2 Presente – O exercício do ofício

Ao tratar sobre o exercício do ofício, ou seja, da natureza que envolve a relação do educador com o outro - talvez, por estar ligado ao momento presente – esta é a categoria em que muitas características e valores vêm à tona, contudo, resalto os elementos que mais foram percebidos ao analisar os dados: paixão, ousadia, busca constante por conhecimento e habilidade de estabelecer conexões.

Minha professora me chamou, eu comecei e gostei muito de dar aula. [...] enchia o meu coração, sentia que era um lugar que eu poderia desenvolver e com o tempo eu fui desenvolvendo.

Eu sou professora porque eu amo a possibilidade reveladora que a palavra traz e a possibilidade de fazer essas trocas com pessoas.

O que eu faço tem sentido pra mim. A paixão de educar com arte, falar sobre arte com as crianças.

Nesta ordem, as palavras de Lu, Iraci e Daniela revelam a paixão pela arte/educação. Um sentimento que se caracteriza também por estar sempre em relação a alguém ou algo, como descreve Larossa (2016, p. 27): “Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele”. Um educador apaixonado é um indivíduo “receptivo, aberto, exposto” (2016, p. 42), ou seja, envolvido com seu fazer por completo, problematiza uma dificuldade de tal forma que a reflexão sobre suas causas e a busca por soluções integram-se em um processo de construção de saber e formação.

Atuar como um educador heurístico, ou seja, um indivíduo voltado à investigação, comprometido em encaminhar o aluno a descobrir por si mesmo o que se quer ensinar, muitas vezes, por meio de perguntas, também pode ampliar a singularidade do profissional. A busca constante por conhecimento, o desejo de avistar novos horizontes, o fato de colocar-se em situação de aluno, mostraram-me, por meio dos educadores-referência, serem elementos que ampliam o repertório para as próprias aulas, trazem novas perspectivas, diferentes pontos de vista, geram



experiências diferenciadas e fortalecem a motivação para a atuação no cotidiano. “Aprender não é apenas aprender isto ou aquilo; é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente”, confirma Josso (2002, p. 184).

Para Carlos Caçapava, o estudo faz parte de seu ofício, porque ao chegarmos a uma conclusão, *ela não é um fechamento, mas uma pergunta: o que vem depois? [...] hoje eu me digo arte/educador, mas ao mesmo tempo, eu não tenho como deixar de dizer que sou um aluno*. Percebo que a necessidade de estudar, de evoluir em suas reflexões, de estar junto ao aluno está sempre na base das forças motrizes do professor de arte. *O que me move é poder ser aluno eternamente, além me trazer uma relação de afetividade e de produção muito grande, [...] aproxima e faz com que eu tenha acesso direto ao universo deles*, referindo-se aos alunos.

As palavras de Carlos e Rafael traduzem o apontamento feito por Mirian Celeste Martins:

A saída possível é que nos tornemos, cada vez mais, professores pesquisadores. Ávidos por descobertas, atentos a tudo o que nos possa abrir horizontes, corajosos e ousados para permitir o caos criador e o estudo que nos leve para o que ainda não sabemos, comprometidos com as ressonâncias de nossas ações, desejosos por compartilhar (MARTINS, 2012, p.59).

A sede de conhecimento pode gerar o desejo de partilha, à qual também se refere Martins (2012), e veremos, assim, o arte/educador como um profissional que “constrói pontes”, procura estabelecer e inspirar conexões entre pessoas, conteúdos, acontecimentos, de modo a fortalecer, em cada um, a capacidade de ver, sentir, dizer e pensar por si mesmo, como ressalta Larrossa (2016). Tal relação dialógica favorece um ambiente de aproximação, confiança, compreensão, onde cada um é visto e considerado como um ser complexo com sua subjetividade inserido em um cenário também complexo, como uma turma em sala de aula, com suas particularidades e questões que a afetam diretamente. A partir de Martir Buber, Herbert Read (2001, p. 323) apresenta estes pontos como significativos para o



alcance de bons resultados para si e para os outros e destaca que “um verdadeiro professor encontra evidências da realidade criativa na variedade e diversidade dos alunos”.

Assim, estabelecendo elos, a relação ensino-aprendizagem ganha potência e qualidade. E, observo, que a matéria-prima que sela a ligação entre o professor e o aluno é a linguagem artística e o olhar, em seu sentido mais amplo. Iraci Nogueira conta que “constrói sua ponte” pela poesia. Relembra que muitos de seus ex-alunos, hoje, profissionais das mais diversas áreas, criaram tanto vínculo com ela e, sobretudo, com a linguagem sobre a qual se dedica que compartilham opiniões sobre os livros que leem, o que a faz se reconhecer como intermediária entre seus alunos e os grandes mestres da Literatura e das Artes em geral.

Adiciona-se aos elementos uma pitada de ousadia, capacidade totalmente vinculada à sensibilidade de cada educador para ultrapassar metodologias de ensino ou práticas pedagógicas limitadas ou delimitadas conforme padrões tecnicistas. Carlos Caçapava se dedica ao planejamento de cada aula, investe na diversidade de materiais, transforma o conteúdo apostilado em atividades práticas que possam gerar real interesse dos alunos. Daniela Nascimento propõe aulas em espaços não convencionais, trata todo o espaço da escola e arredores como *espaço educativo*. Iraci Nogueira já quebrou regras, dá vazão à criatividade em cada proposição e admite: *eu acredito em uma pitadinha de loucura para descobrir, para descortinar, para envolver. Às vezes, eu olho pela janela e falo: - Gente, vamos ter aula embaixo da árvore, vamos andar pela rua, vamos ao cinema!* Com ousadia, experiências podem se tornar marcantes para alunos e professores, quando se permitem arriscar e lidar com o efêmero.



2.3 Futuro – O modo de olhar a arte-educação

Na interpretação dos dados, emergiu, como elemento relevante, o comprometimento do profissional, característica que inclui a consciência e o exercício de seu papel social, de forma ética e perseverante. Para Read (2001, p. 329): “A menos que sejamos basicamente cidadãos, conscientes das necessidades comuns da comunidade e dos direitos e responsabilidades que nos tocam como cidadãos, nunca poderemos ser bons educadores”.

Vislumbrei um encontro entre os cinco entrevistados: uma roda de conversa imaginária. O que parece soar comum, ao ouvi-los em relação ao modo de agirem no mundo como arte/educadores, é a preocupação com o desenvolvimento do outro, a satisfação em poder colaborar com processos de desenvolvimento alheio, como descreve Lu Favoreto: *o interesse é realmente ver o outro chegar a dar aquele passo, essa potência, que eu acredito que tenha no ser humano, eu gosto de ver isso frutificar, florescer no outro e eu tentando meios de fazer isso acontecer.* Rafael concorda e ilustra com exemplos de superação, quebra de paradigmas, preconceitos, histórias de vidas transformadas. *Você vê que a vida é muito mais que só a gente. Eu acabei conhecendo a vida de alguém. [...] O que me motiva é ver o resultado dando certo.* Encontro eco nos episódios narrados por Rafael e compartilho, na roda, lembranças de centenas de jovens que conheci em projetos sociais, que ao integrarem iniciativas que envolviam arte, ao criarem vínculos de confiança, respeito e amizade com educadores, fortaleceram sua autoestima, seu autoconhecimento e sua perspectiva de futuro. Ao nos ouvir, Iraci se lembra dos tempos em que se dedicou para alunos sem condições financeiras e traz outro panorama, a potência de sua atuação em escolas privadas:

Aqueles jovens, muitas vezes, vão ter posições de decisão e se eles levam essas reflexões, eles podem apoiar mais a arte. [...] eu fico muito feliz porque, às vezes, a gente atinge um em cem, mas esse um é sempre um multiplicador. [...] eu acredito no poder que o professor tem.



Diante desse poder, que cita Iraci, das características que vieram à tona na interpretação dos dados, um educador-referência pode parecer um super-herói, mas é preciso relativizar sua responsabilidade frente a um Estado que não prioriza a Educação e a Arte e a uma sociedade contemporânea em que famílias se ausentam de sua responsabilidade ao transferirem todo o processo formativo do indivíduo para a escola, em que instituições delegam conteúdos tecnicistas aos professores, sem sequer envolvê-los em processos de criação e formação de currículos, enfim, onde o profissional encontra-se sobrecarregado, desvalorizado e, muitas vezes, em precárias condições de trabalho.

É um absurdo, na verdade, como é tratada a arte dentro das escolas. Eu imagino que em um monte de boas escolas também haja esse déficit – e todos concordam com Lu Favoreto. Rafael revela não desistir do ofício, por se sujeitar aos desgastes. Ele diminuiu a sua quantidade de aulas e está sempre se equilibrando em termos financeiros. Tem que ir achando esse meio termo de dinheiro e tudo mais. [...] eu encontrei no meu sonho pequenininho um jeito de ser muito feliz todo o dia. Triste situação com a qual nos deparamos no país. Para onde direcionamos os holofotes em nossa sociedade? Onde e de que maneira são investidos, pelo Estado, os recursos obtidos do recolhimento de impostos? Para que tipo de iniciativa em termos de Arte e Educação? São questões que muito me inquietam.

Ao tratarmos destas questões que afetam a todos, os “Quixotes” brilham em minha frente, pois, mesmo com os pés no chão, a utopia os faz seguir em frente. Vejo Iraci concordar com a cabeça quando Daniela diz: *eu tenho uma tarefa muito séria: ajudar os seres humanos que estão no mundo e [...] é uma troca, porque com eles eu vou aprender a ser um ser humano melhor.* No ápice da reflexão, Iraci acrescenta: *os professores que vão fazer grande parte da diferença no Brasil e no mundo são aqueles interessados em envolver, de verdade, o aluno, fora ou dentro do tempo de aula.* E, Carlos Caçapava, encerra: *está na hora da gente proteger esse Brasil que foi descoberto. [...] O que a gente precisa é de união, olhar para o outro e reconhecê-lo como um igual.* Vejo que estou com indivíduos excepcionais, como escreve Fayga:



As injunções a que a maioria tem que se submeter a fim de sobreviver nessa sociedade fragmentada e complexa, impedem que sua formação se amplie em qualquer sentido humanista. Quando muito, as pessoas se tornam profissionais, com horários e com expedientes, mas sem tempos para viver. Podem evidentemente existir indivíduos excepcionais que sobrepondo-se de um modo ou de outro ao esvaziamento e à atomização da vida, alcançam uma medida integrativa apesar de tudo (OSTROWER, 2016, p.134).

Assim, após encontros individuais e desta roda imaginária em que todos se integraram a partir de suas reflexões, além de ter clareza sobre as características de um educador-referência, fico com uma questão: Será que se todos educadores tivessem acesso a experiências significativas, encontros com professores ímpares, educação de qualidade, formação adequada, convivessem em ambientes de aguçada reflexão crítica e política, a referência seria um padrão e não uma exceção?



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS: MOINHOS DE VENTO

O sopro que leva e traz indagações, reflexões e respostas.

Vento que espalha as sementes e alimenta os sonhos.

De setembro de 2016 a março de 2017, realizei esta jornada iniciada com meus colegas do curso de especialização que me indicaram 24 educadores-referência. Segundo critérios estabelecidos, tive a honra de conhecer cinco arte/educadores - intitulados neste texto como “Quixotes”, principalmente, pela ousadia, coragem e capacidade de “ver além”. Suas experiências e saberes ensinaram e auxiliaram-me a chegar nesta primeira parada de reflexão - uma vez que vi o quão longínqua e rica pode ser a caminhada pelo campo da formação de educadores.

Vejo com mais clareza características e valores essenciais que podem estar presentes em um educador-referência em Artes: elementos relacionados à escolha da profissão vinculados ao passado - as influências familiares, escolares ou acadêmicas; outros ligados ao exercício do ofício - a paixão, a busca constante por aprendizados, a habilidade para estabelecer conexões, a ousadia na ação; e, o modo de encarar a arte/educação com comprometimento, clareza sobre o papel e responsabilidade no exercício da profissão. Ingredientes que, se eu tivesse que sintetizar, me trazem a ideia de entrega, busca e intensidade, como a mariposa que atraída pela luz da vela, perde-se em si mesma, no poema de Farid ud-Din Attar²². É um saber múltiplo que envolve a profissão, ou melhor, um “saber plural, formado

²² Ver Anexo 1.

Fui apresentado a esta história, por Patricia Ribeiro de Almeida, Mestre em Artes Visuais, cuja dissertação - “O mundo é redondo como a rosa: imaginação poética e criação pedagógica” - foi orientada pela Profa. Dra. Sumaya Mattar, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2013.



de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”, como definiu Tardif (2010, p. 54).

Percursos marcados pela grande autonomia pedagógica, pela criatividade das propostas, por uma visão alargada de seu papel como educadores, por uma imagem positiva da profissão, por uma implicação intensa na concretização das suas responsabilidades profissionais – assim, reconheço os trajetos dos professores citados no passado por mim, aqueles “achados” no curso de especialização e aqueles, aos quais tive a honra de conhecer durante o processo investigativo. Penso que bons professores não são gerados por um determinado tipo de formação, de escola, de ambiente; são oriundos de um processo complexo, dinâmico e rizomático que envolve toda narrativa de vida.

A pesquisa me mostrou o quanto episódios do passado, do presente e a maneira de olhar para o futuro constituem cada profissional; imaginemos o quão rico pode ser se, de fato, nos debruçarmos sobre cada história de vida. É uma maneira de olhar que pode enriquecer processos formativos partindo do que há de pujante em cada um – um dos grandes aprendizados que tive ao concluir esta monografia e que me mobiliza a rever iniciativas em meu cotidiano profissional. De acordo com Gonçalves (2013, p. 168), devemos “organizar a formação continuada como resposta às necessidades reais dos professores e de acordo com a perspectiva de educação permanente”. Acrescento as palavras de Josso (2002, p. 183): “Mesmo que a reflexão sobre o ato de aprender se incline cada vez mais para uma individuação do processo educativo, os percursos de formação devem ser concebidos para responder às necessidades de uma sociedade que não sabe para onde vai”. E como tais possibilidades dialogam com as políticas públicas? Inquieta-me ver em diferentes instâncias, as formações impregnadas de tecnicismo, voltadas ao que se ensina, para quem e pouco se contempla quem ensina.



Diante de uma sociedade cujos rumos são incertos, urge iluminarmos caminhos de educação da sensibilidade e ampliação do senso crítico, vivermos com arte. Para guiar-nos há velas acesas sendo carregadas por “Quixotes”, como os apresentados nestas páginas, e por milhões de outros que estão incógnitos em suas jornadas pelo mundo.

Além das categorias a que pude chegar, saindo de rótulos superficiais a respeito do que é um bom educador em artes, esta jornada trouxe-me novas questões: Por que o saber do professor de artes, o saber que brota de sua prática, não é amplamente estudado, divulgado e validado no Brasil? A profissionalização da docência em artes não poderia dialogar de forma mais vertical com as histórias de vida? Como instituições públicas, privadas e organizações da sociedade civil podem ter metodologias validadas e reconhecidas neste sentido? Como democratizar uma formação continuada de modo que alunos e professores possam vivenciar processos por meio dos quais se tenha inspirações mais profundas, se envie mais ar aos pulmões, mais cores à imaginação, mais poesia à vida?

Tem que ter um pouco de intuição, tem que ter um pouco de quixotesco, tem que ter um pouco de risco, entendeu? – ouço a voz de Iraci Nogueira, uma “educadora quixotesca”. Torço para que a cada dia tenhamos mais e mais “Quixotes” ao nosso lado colaborando, com arte/educação, para a formação de cidadãos e de um país mais justo.

Quixote nos ensina a enxergar o que os olhos não veem, a ressoar valores que se extinguem na sociedade contemporânea. Se Cervantes nos mostra que Quixote morre quando deixa de sonhar, que nossos sonhos nos guiem!





Figura 2: Vladimir Kush, Fauna in La Mancha, oleo sobre tela, 77 x 109cm



REFERÊNCIAS

- ATTAR, Farid ud-Din. *A linguagem dos pássaros*. São Paulo: Attar, 2011.
- BEN-PERETZ, Miriam. Episódios do Passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- CALVINO, Italo. *Las ciudades invisibles*. Barcelona: Edhasa, 1983.
- CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos Guardados*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Schwarcz, 2015.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou-me embora? In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- GONÇALVES, Jose. A. M. A carreira das professoras do Ensino Primário. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- GUSDORF, Georges. *Professores para quê?* Tradução M.F. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.



- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.
- LARROSA, Jorge. *Escritos sobre a experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. “A dúvida de Cezanne”. In: *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1974.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e Transformação. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- MORAES, Sumaya Mattar. *Aprender a ouvir o som das águas: o projeto poético-pedagógico do professor de arte*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2002.
- MORAES, Sumaya Mattar. *Memória e reflexão: a biografia como metodologia de investigação e instrumento de (auto) formação de professores de arte*. In: 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais. ANPAP, Salvador, 2009. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/sumaya_mattar_moraes.pdf> Acesso em 14/03/2017.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de Professores*. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto Editora, 2013.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001



SILVA, Everson M. A. *A formação do arte/educador: um estudo sobre história de vida, experiência e identidade*. 2010. 287f. Dissertação (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/3761/arquivo230_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 25/02/2017.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.



APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUESTINÁRIO

Para a monografia de conclusão do curso de especialização em Arte na Educação ECA/USP, gostaria muito de contar com você, companheiro (a) desta experiência ímpar que vivenciamos em 2015 e 2016!

Conto com seu apoio e colaboração! Muito obrigado!

Por favor, sugira um (a) Educador (a) que faz a diferença no mundo.

1. Se você pudesse sugerir um educador (a) que faz ou fez a diferença em sua vida ou na de outras pessoas - aquele (a) que promove ou promoveu experiências significativas, que possibilita ou possibilitou processos poético-pedagógicos por meio dos quais se têm ou se tiveram respirações mais profundas, se envia ou enviou mais ar aos pulmões, mais cores à imaginação, mais poesia à vida - quem seria?

2. Qual disciplina o educador ministra ou ministrava?

- Artes
- Língua Portuguesa, História, Geografia, Filosofia, Sociologia
- Matemática, Física, Química, Biologia
- Educação Física e/ou Esportes em geral
- Inglês, Espanhol ou outro idioma
- Outro (especifique)



3. Em que ambiente este educador (a) atua ou atuava?

- Ensino Infantil - escola pública
- Ensino Infantil - escola privada
- Ensino Fundamental I ou equivalente - escola pública
- Ensino Fundamental I ou equivalente - escola privada
- Ensino Fundamental II ou equivalente - escola pública
- Ensino Fundamental II ou equivalente - escola privada
- Ensino Médio ou equivalente - escola pública
- Ensino Médio ou equivalente - escola privada
- Ensino Técnico - público
- Ensino Técnico - privado
- Organização da Sociedade Civil - ONG ou OSCIP
- Outro (especifique)

4. É importante conhecermos os motivos de sua escolha. Por favor, justifique-a. Por que sugere este (a) educador (a) para esta pesquisa?

5. Você poderia auxiliar o contato com este (a) educador (a), por favor?

Email/ Telefone do educador (a)



APÊNDICE 2

Informações coletadas por meio do questionário (Apêndice 1), apresentadas em ordem de horários e datas em que as respostas foram enviadas pelos colegas (representados pelas iniciais de seus nomes) por meio da plataforma digital:

1. J.S. - Professor indicado: Marta Santos – Química – Ensino Médio – Escola Particular.

Justificativa: Marta era professora de química na minha escola (particular) e em uma ETEC. Ela proporcionava e criava projetos de **interação real dos alunos com o meio ambiente**. Um dos projetos dela na ETEC foi um gerador de energia feito pelos alunos que deu tão certo que a escola não precisava mais da energia fornecida pela cidade. Tiveram que parar, pois receberam uma notificação da prefeitura. Esse é só um exemplo.

2. F.B. - Professor indicado: Carlos Caçapava – Música – Organização da Sociedade Civil.

Justificativa: é um **músico apaixonado pela arte de contar histórias através dos instrumentos de percussão**. Reza a lenda que ele (além de nunca "reclamar" das condições adversas) **pega três horas de ônibus pra chegar até uma unidade da Fundação CASA, dar uma aula e voltar...**

3. L.B. - Professor indicado: Celso Solha – Teatro – Ensino Técnico – Privado. Justificativa: foi responsável pelo Projeto Cria...Ação no Colégio Radial, na época uma escola técnica localizada na zona sul de São Paulo, no bairro de Santo Amaro. Apesar de eu ter iniciado as aulas de teatro com o professor Juliano Pereira, que me marcou muito e depois veio a ser colega de trabalho, dirigindo as peças da Cia Teatral da qual vim a fazer parte, hoje sei que o responsável pelo projeto e conseqüentemente pela **transformação que ele promoveu na minha e na vida de muitas pessoas** foi o Celso, com quem tive aula durante um intenso ano de **descobertas e vivências teatrais. As aulas de teatro eram cheias de jogos, experimentação e liberdade**. Explorar as



possibilidades do próprio corpo, o espaço e a relação com o outro eram uma prazerosa, desafiadora e mobilizadora constante. Mais tarde vim a conhecer a metodologia proposta por Viola Spolin, base do trabalho nesse projeto. Lembro como me divertia nas aulas e o quanto elas **aguçaram minha curiosidade, interesse e vontade de explorar a cidade e o mundo**, tendo o universo teatral como fio condutor. Lembro que à época tive minha primeira experiência de emprego e que a minha maior motivação era justamente ganhar dinheiro para comprar ingresso de todas as peças que quisesse. Comecei a trabalhar numa loja na av. Paulista junto com uma amiga também apaixonada por teatro, e escolhemos trabalhar naquele local justamente pela alta concentração de teatros na época (talvez hoje mirasse na praça Roosevelt, ou praça Rosa). Para o curso extracurricular vinham alunos de diversos cursos colegiais técnicos - eu da publicidade, colegas dos cursos de secretariado, processamento de dados etc. Ali nas aulas criávamos um mundo comum, e quando nos encontrávamos nos intervalos das aulas ou fora do horário da aula, o teatro continuava sendo o assunto e a "cola afetiva" entre os colegas ficava mais forte, amizades nasciam. Lembro de passar horas do meu tempo livre criando ideias, cenas e textos, pelo prazer e sentido que tais atividades tinham em si mesmas, e não porque era obrigado ou porque valia nota - já que não valiam, pois teatro era atividade de adesão voluntária. E o fato de minha turma e eu querermos acordar cedo no sábado e fazer aulas por vontade própria eram já uma grande mostra do poder mobilizador deste projeto. Tive uma colega com deficiência na turma do segundo ano em que fiz teatro, a primeira vez que me relacionava continuamente com alguém com deficiência física, e hoje tenho dimensão do quanto foi impactante para todos termos que pensar as cenas levando em conta que tínhamos uma jogadora de muletas em campo. Fico feliz hoje de me lembrar que ela nunca fez um papel de "deficiente" – lembro-me aliás dela no papel de uma freira em um dos espetáculos que montamos. Na época das mostras teatrais, nos finais de ano, o projeto movimentava a escola inteira e os colegas que assistiam as peças ficavam



admirados e expressavam a admiração com os resultados dos trabalhos. Lembro-me também de querer assistir ao maior número de peças que eu conseguisse. Lembro até de querer algumas peças mais de uma vez, por terem sido as de que mais tinha gostado. Essa possibilidade de estar fazendo minhas próprias escolhas, em que **a bússola era o desejo e o interesse, jamais imposição professoral**, são realmente experiências marcantes que levo para a vida. **Diferentes professores/monitores do projeto se colocavam como facilitadores, propositores de situações, jamais como detentores da verdade.** Lembro aliás de colocar cenas e músicas de que o professor não tinha gostado em cena, mas tínhamos não a obrigação de adequar a peça às diretrizes dele, mas a oportunidade de ouvir alguém mais experiente e escolher acolher ou não suas sugestões. **O professor era a referência nos procedimentos e conhecimentos em geral próprios do teatro, mas sabia muito bem reconhecer e respeitar a autoria coletiva do grupo.** Encenar um texto que nós mesmos tínhamos criado gerou em mim um senso de autoria pela minha própria palavra que faz parte de quem sou e o teatro certamente foi a ponte para que eu descobrisse a contadora de história que tão bem acolhe a vocação maior que sinto, e penso que sem o teatro eu ficaria desgarrada por muitos anos do campo de atuação que sinto como mais meu, já que sequer havia essa possibilidade profissional na época em que comecei a desenvolver habilidades para atuar no mundo por meio do trabalho. Em minhas práticas como arte/educadora estão sempre reminiscências, quando não lembranças inteiras, que vivi nesse projeto. Não à toa acabei me profissionalizando como atriz justamente numa Companhia de ex-alunos do projeto. Além da Cia Teatral Manicômicos, que anos mais tarde se subdividiu em cia a Brava de São Paulo e teatro da Pedra em Minas Gerais, tive notícia de vários alunos que abriram mão das profissões que foram buscar naquele colégio técnico. Aliás, acho que isso resume muito **o ambiente de experimentação, jogo, arte, liberdade, criação e realização coletivas que Celso Solha junto com seus aliados criaram naqueles anos: a aula livre, extracurricular de teatro, entrou em muitas vidas como um**



"algo a mais", um brinde, e de coadjuvante no currículo acadêmico passou ao papel de personagem central na experiência de vida dos que com partilharam aquela experiência. Certamente foram experiências transformadoras na vida da maioria, que descobrimos nosso potencial de sonhar, criar e realizar coletivamente. Além desse papel mais geral na formação de pessoas ativas, capazes de se colocar no mundo e acolher ao outro, o teatro vivido ali chegou a se tornar a profissão e moldar diretamente o modo de ver e estar no mundo de muitas pessoas que abraçaram especificamente as artes cênicas, ou as artes e arte/educação como escolha e vida. Sou uma dessas pessoas.

4. C.M. - Professor indicado: Luis Alberto de Genaro – Artes Visuais – Graduação e Pós-Graduação – Universidade Privada. Justificativa: Tive aulas com o Prof. Genaro, na graduação em artes visuais, e depois na pós-graduação em História das Artes. Sua fama na faculdade era de uma pessoa metódica, rígida e exigente. Curiosa, já que teria aulas com ele só a partir do 3º semestre, me inscrevi num curso livre, sobre perspectiva na pintura, onde o Prof. Genaro foi o mediador. Na primeira aula, ele se valeu de um poema, onde um trovador apaixonado se declarava à sua amada, para nos falar sobre a perspectiva do olhar! Fiquei encantada, contando os dias e as horas, para tê-lo como professor. Chegando o semestre tão esperado, as minhas expectativas foram superadas, e muito, nas aulas do Mestre Genaro! **Metódico, sim, rígido e, por vezes, “elegantemente grosseiro”, sim; exigente também, porém, absurdamente didático, competente, atencioso e apaixonado pelo ato de ensinar/compartilhar o imenso conhecimento adquirido em anos de estudos, viagens. A teoria aliada à prática, com muita poesia, num fazer artístico impecável, cuidadoso e atencioso com cada aluno, com cada detalhe... Muitas vezes o vimos chorar**, diante de um trabalho produzido por um aluno com maiores dificuldades...Seguramente, meu modelo de professor. Tive o privilégio, no meu percurso acadêmico, de encontrar professores igualmente iluminados, e poderia ainda destacar, a Profa. Sônia Regina Fernandes, como



minha mentora espiritual, nessa caminhada rumo a excelência em arte/educação. Porém, se tenho que fazer uma escolha, ela recai sobre o Genaro, meu eterno modelo de mestre...

5. P.P. - Professor indicado: Maria Isabel Gonçalves Correa Franco – Educação e Meio-ambiente – Curso Livre. Justificativa: Porque esta educadora **soube aliar em suas aulas**, em um curso simples de cozinha, **diversas áreas do conhecimento**, como saúde, sustentabilidade, psicologia, antropologia, estética, sociologia e filosofia. **Por meio de uma abordagem multi e interdisciplinar e envolvendo todos os aprendizes no tripé ver, fazer e pensar.** O curso sobre alimentação e culinária orgânica nos proporcionou enxergarmos e tentarmos compreender um mundo completamente conectado à todas as nossas ações, no e para o mundo.
6. S.L. - Professor indicado: André Gravatá – nenhuma das categorias citadas. Justificativa: ele é um educador no sentido amplo da palavra, não de uma "disciplina" específica, mas **inspira** muitos educadores e outras pessoas a buscarem **uma educação mais criativa, poética e com coautoria dos educandos.** Atua mais como um "inspirador", trabalha com formação de educadores.
7. P.F. - Professor indicado: Luis Tadeu – Geografia – Ensino Médio – Escola Pública. Justificativa: Ele **incentiva verdadeiramente** os alunos a buscar os sonhos, **mostra** para todos eles **que mesmo** na escola pública, **com todas as suas dificuldades é possível realizar transformações profundas.** Que todos eles podem entrar numa universidade pública, ou não porque eles podem ser o que eles desejam, mas que o estudo pode ser um passo importante de apoio no caminho deles.
8. M.G. - Professor indicado: Regina Machado – Arte de Contar Histórias – Especialização. Justificativa: Com uma visão profunda da imaginação humana, esta educadora é **apta a criar exercícios e enredos que promovem o exercício da alma de seus educandos.**



9. M.B. - Professor indicado: Rafael Ripp – Música - Ensino Médio – Escola Pública. Justificativa: Exatamente pelo **empenho em realizar um projeto fantástico de música em escola pública**. O projeto chama-se Embatucadores.
10. L.E. - Professor indicado: Marcos Ferreira Santos – Graduação – Universidade Pública
Justificativa: Porque ele **nutriu meu espírito de poesia**, e avistou mesmo pôr as tramas da complexidade a Maria Moura que me fiz na jornada.
11. M.P. - Professor indicado: Teca Alencar de Brito – Música – Graduação – Universidade Pública. Justificativa: **Por me mostrar um mundo novo na música, um mundo criativo, em que todos possuem opiniões**, mundo esse desenvolvido através de propostas de se relacionar com a música que eu nunca tinha tido contato antes de conhecer essa educadora.
12. P.J. - Professor indicado: Nuria Pons – Língua Portuguesa – Ensino Médio – Escola Privada. Justificativa: **Ela nos ensinou a ter senso crítico e questionador**.
13. P.A. - Professor indicado: Lu Favoreto – Dança – Curso Livre – Estúdio de Dança
Justificativa: Porque fazendo suas aulas de dança clássica e contemporânea percebi pela primeira vez o que era afinal um "artista educador". **Entendi como é possível (é lindo) associar temas poéticos de interesse do artista aos conteúdos pedagógicos dados nas aulas. Sempre com uma generosidade ímpar e muita escuta**.
14. C.F. - Professor indicado: Iraci Nogueira – Literatura – Ensino Médio – Escola Particular. Justificativa: A professora Ira foi minha professora por apenas um ano no terceiro ano do Ensino Médio, mas me deixou marcas que carrego até hoje. Ainda me **lembro de seu sorriso, emoção e amor ao ensinar, ao nos apresentar alguns textos e autores. Sua potência, sensibilidade e entrega** estão ainda bastante presentes em minha memória. **Ela despertou e alimentou em minha alma uma forma de viver pela arte e poesia. Ela realmente**



acreditava nisso. Apesar das dificuldades frequentes enfrentadas pelos professores que tratam de temáticas relacionadas à Arte, **ela nunca desistiu. Nem de sua arte, muito menos de nós.** Lembro de sua risada e de seu cabelo, e de como era uma **mulher forte.** Me lembro, também, que na época **queria ser exatamente como ela.**

15. L.G. - Professor indicado: Professor Roberto – História – Ensino Médio – Escola Pública.

Justificativa: Foi meu professor na escola onde estudei na Freguesia do Ó. Acredito que ele **entendia o contexto no qual estava atuando**, de alunos que careciam de outras coisas além de conhecer o conteúdo do currículo de História. Por trás das atividades que propunha havia uma **intenção de despertar uma sensibilidade, uma percepção para o entorno e um reconhecimento de nós mesmos** no continuum da história. Na minha experiência específica **despertou um olhar para o mundo e para as possibilidades de atuar criativamente.**

16. L.S. - Professor indicado: Taly Swarficter – Educador Social – Organização da Sociedade Civil.

Justificativa: Porque ela sempre foi alguém que me **inspirou a me conhecer melhor** e assim poder também inspirar outros como educadora.

17. E.S. - Professor indicado: Ivian Lara Destro – Literatura – Curso Pré-vestibular.

Justificativa: **Rica profundidade e transmissão encantadora** da Literatura.

18. R.C. - Professor indicado: Daniela Nascimento – Artes Cênicas – Ensino Fundamental – Escola Pública.

Justificativa: Num momento em que eu comecei a questionar modelos prontos de Educação (estava iniciando como Coordenadora Pedagógica na EMEF) e um pouco desiludida com algumas ações, me deparei com esta professora e projetos brilhantes mostrando que **pequenas ações podem produzir muitos frutos.**

19. B.P. - Professor indicado: Marcinha – Teatro – Ensino Técnico Particular. Justificativa: Pela **delicadeza** com que ela lidava com sua turma, pelo **interesse que ela tinha com as histórias de vida de cada um dos alunos,**



pelo **carinho pelo outro** mesmo quando era para dar bronca... Lembro que ela iniciava a aula sempre em **roda** e perguntando como tinha sido a semana deles, e ali, crianças de 06 até 12 anos, se deliciavam contando desde as mais simples até as mais complexas "aventuras" vivenciadas durante a semana.

20. A.L. - Professor indicado: Maria do Carmo Salles Monteiro – Formação Técnica para o SUS – Ensino Técnico. Justificativa: pela **concepção sócio cultural numa abordagem pedagógica**.
21. R.M. - Professor indicado: Professora Lucimara – Artes – Ensino Médio – Escola Pública. Justificativa: Pois me **apresentou ao mundo da Arte**, foi a incentivadora a **levar a minha turma na época ao teatro e museu**. Foi a primeira vez que tive contato e me interessei por conhecer, saber, pesquisar....
22. R.B. - Professor indicado: Fábio Cintra – Música – Especialização. Justificativa: Sempre me considerei uma educadora atenta aos meus alunos, aberta a ouvi-los, porém, durante minha trajetória muito de minha essência foi esquecida por não acreditarem em meu potencial criativo, durante as aulas do professor Fábio ele me mostrou que eu não podia seguir acreditando apenas no potencial de meus alunos, mas **devia acreditar no meu potencial também**. Apesar de não ser artista eu sou gente, tenho minha poética e posso me expressar artisticamente e levar isso para os encontros com meus alunos. **Voltei a acreditar e a ter novos sonhos, anseios, a ver novas cores** com as aulas, conversas e incentivos do Fábio.
23. E.P. - Professor indicado: Professora Delma – Didática – Graduação. Justificativa: Foram as ideias progressistas desta educadora que **fomentaram outras descobertas** no campo do construtivismo.
24. A.N. - Professor indicado: Bete – Língua Portuguesa – Ensino Fundamental – Escola Pública. Justificativa: Esta pessoa **mostrou outros mundos para mim, me fez observar a sociedade e entender onde moram as injustiças**, me fez entender um pouco do caminho histórico que os seres humanos vem traçando e assim **entender, um pouco mais de mim e da relação com o outro**.



Coleta quantitativa:

- 04 professores de Música (um que atua em Educação Formal, no Ensino Médio, outro com Educação não-formal – Organização da Sociedade Civil e dois em nível de graduação, especialização e pós-graduação);
- 02 professores universitários do curso de Pedagogia;
- 02 educadores de Teatro (Ensino Técnico);
- 02 professores de História (Ensino Médio);
- 01 professor de Língua Portuguesa (Ensino Médio);
- 01 professor de Geografia (Ensino Médio);
- 02 professoras de Literatura (Ensino Médio e curso pré-vestibular);
- 01 educadora de Artes (Ensino Médio);
- 01 educadora de Artes Cênicas (Ensino Fundamental);
- 01 educador de Artes Visuais (Graduação e pós graduação);
- 01 educadora da Arte de Contar Histórias (Especialização);
- 01 educadora de Dança (Curso Livre);
- 01 educador de Meio Ambiente (Curso Livre);
- 01 educador social (Organização da Sociedade Civil);
- 01 educador-formador de formadores;
- 01 professor de Química (Ensino Médio);
- 01 educador (Curso técnico da área de Saúde).



ANEXO

Anexo 1

HISTÓRIA DAS MARIPOSAS

Uma noite as mariposas reuniram-se atormentadas pelo desejo de unir-se à vela. Disseram todas: “Temos de encontrar alguém que possa dar-nos notícias do objeto de nossa busca amorosa”. Uma mariposa foi então até um distante castelo e avistou no interior a luz de uma vela. Ela retornou e contou o que havia visto; pôs-se a fazer a descrição da vela de acordo com sua inteligência. Porém a sábia mariposa que presidia a reunião advertiu que a mariposa exploradora nada sabia sobre a vela. Outra mariposa aproximou-se da luz e tocou com suas asas a chama: a vela foi vitoriosa, e a mariposa vencida. Esta última também retornou e revelou qualquer coisa a respeito do mistério; explicou, segundo sua própria experiência, em que consistia a união com a vela. Porém a sábia mariposa lhe disse: “Tua explicação não é melhor que aquela que foi dada por tua companheira”.

Uma terceira mariposa voou, ébria de amor, e atirou-se violentamente contra na chama da vela: impulsionada por suas patas traseiras, ela estendeu ao mesmo tempo suas patas dianteiras em direção à chama. Perdeu a si mesma e identificou-se alegremente com a chama; abraçou-a por completo e seus membros tornaram-se vermelhos como o fogo. Quando a sábia mariposa, chefe da reunião, viu ao longe que a vela havia identificado o inseto consigo mesma e lhe havia dado sua aparência, disse: “A mariposa conheceu o que queria saber; porém somente ela o compreende, e eis tudo”.

ATTAR, Farid ud-Din. *A linguagem dos pássaros*. São Paulo: Attar, 2011.



